

Seminário Internacional e Workshop para Jornalistas

Novos Caminhos para a integração Regional: o projeto da UNASUL

Por Daniel Edler

Organizada pela Fundação Konrad Adenauer, em parceria com a Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e com o apoio da Delegação da União Europeia no Brasil, a conferência “Novos Caminhos para a Integração Regional: o projeto da UNASUL” permitiu profícuos debates entre a comunidade acadêmica e um grupo de jornalistas da cidade de Recife e de Fortaleza. O evento foi dividido em duas partes com motivações distintas. No dia 19 de agosto, no auditório G-I da UNICAP, os palestrantes buscaram traçar um panorama abrangente das políticas brasileiras em relação aos seus vizinhos. Já no dia 20 de agosto, motivadas pelas indagações dos jornalistas, as apresentações no Salão Panorâmico do Hotel Jangadeiro foram mais específicas e polêmicas.

A cerimônia de abertura contou com a presença do Reitor da UNICAP, Padre Pedro Rubens, com o Chefe da Delegação da União Europeia no Brasil, Embaixador João Pacheco, com o representante da Fundação Konrad Adenauer no Brasil, Dr. Peter Fischer-Bollin, e com o Assessor de Relações Internacionais e Interinstitucionais da UNICAP, professor Thales Cavalcanti. O público presente ao auditório da universidade era de, aproximadamente, 90 pessoas, dentre elas professores, estudantes, jornalistas e diplomatas.

O Padre Pedro Rubens cumprimentou a todos os presentes e deu as boas-vindas à Recife. Em suas colocações, o Reitor lembrou que a universidade está sempre aberta a debates sobre temas caros à sociedade, e que um seminário que permita a interlocução entre o local e o internacional é fundamental para se difundir a ideia de integração dos povos. O embaixador João Pacheco, por sua vez, enfatizou a importância de processos de integração regional no desenvolvimento de uma cultura de paz entre os países. Além disso, juntos, os países latino-americanos teriam mais condições de atrair investimentos. A UNASUL se insere nesta lógica e está dando os primeiros passos rumo a uma grande institucionalização, mas apresenta objetivos distintos, por exemplo, dos do Mercosul. Esta singularidade levou a União Europeia a prestar mais atenção ao tema e a indagar sobre o espaço deste projeto na arquitetura política da América do Sul. Por fim, o embaixador enfatizou a importância de se olhar com calma para o futuro da organização, sem esquecer os reveses já enfrentados por outras iniciativas multilaterais

na região. O Dr. Peter Fischer-Bollin também focou na importância da integração regional para a construção de relações pacíficas entre os Estados. Os projetos avançados pelos países latino-americanos partem, em sua maioria, de princípios compartilhados pela Fundação Konrad Adenauer, como o Estado de Direito, Justiça, Desenvolvimento e Liberdade. No Brasil, a Fundação atua no fomento a debates com a sociedade acerca de temas internacionais, demonstrando que a diplomacia não é mais um assunto de presidentes, mas de todos os cidadãos. O Dr. Fischer-Bollin frisou que, com a organização deste seminário, a Fundação tinha como objetivo básico refletir sobre “que tipo de integração a região precisa?”. Finalizando a abertura, o professor Thales Cavalvanti fez um breve agradecimento aos parceiros do evento e ressaltou o fato de Recife estar cada vez mais envolvida nos debates sobre relações internacionais, o que contribui para que haja uma atenção maior da sociedade a temas caros ao país.

Após a cerimônia de abertura, teve lugar o primeiro painel do seminário, com o tema “A integração regional na agenda de política externa brasileira”. O presidente do conselho curador do CEBRI, embaixador José Botafogo, lembrou que a busca por projetos de integração regional, mais que um objetivo de governo, é um princípio que está descrito na Constituição brasileira. Contudo, graças a uma dificuldade em reconhecermos nossos reais desafios – fruto de discursos bolivarianos que não fazem sentido para muitos dos países - este é um sonho político que se realiza de forma bastante pobre na região. Para o embaixador, “tudo nos separa na história” e os projetos devem ser pensados tendo este desafio em mente. Desta forma, o pan-americanismo não deve ser pautado em textos genéricos que não ajudam a superar obstáculos, mas sim em convergências de ordem mais prática, a exemplo dos acordos ligados à infra-estrutura. Nesse sentido, a experiência europeia é excelente, pois ela nos permite entender como uma união substancial pode avançar a partir de objetivos iniciais bastante restritos. Segundo o embaixador, pensar de forma mais restrita significa privilegiar os projetos de integração que já estão em andamento, como o Mercosul e a Comunidade Andina, antes de voltar a atenção para uma nova iniciativa, no caso, a UNASUL. Por fim, a lição que o embaixador procurou passar foi: “vamos fazer o nosso dever de casa. Precisamos trabalhar com os problemas atuais antes de criar outros”.

O professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Francisco Carlos Teixeira da Silva, iniciou sua fala com a observação de que, pela primeira vez, a política externa brasileira está na pauta dos principais postulantes à presidência. A candidata governista, Dilma Rousseff, defende os atuais projetos de integração, inclusive a

UNASUL, enquanto José Serra, candidato do PSDB, critica abertamente determinadas posturas do país no cenário internacional. O professor Francisco Carlos focou sua contribuição em cinco pontos que pautariam a nossa política: 1) Respeito à soberania; 2) valorização das relações Sul-Sul, sem abandono dos antigos parceiros do norte; 3) relações internacionais mais democráticas, com instituições mais plurais. O Brasil é muito crítico a uma super-representação dos países europeus, já que a maioria das organizações ainda reflete a realidade do pós-II Guerra. Neste campo, o Brasil tem reivindicações muito semelhantes às do Japão, da Índia e da Alemanha. 4) Vocação de multilateralidade política e econômica, o que se reflete na busca por mecanismos de diálogo como o G-20. 5) A reorientação de investimentos externos para a melhoria da infra-estrutura brasileira. Segundo o professor, a diversificação de parcerias comerciais foi um dos grandes avanços obtidos pelo país nos últimos anos e um dos principais elementos que permitiram bons resultados, mesmo com a crise. As exportações brasileiras para os grandes países, ainda que tenham aumentado em números absolutos, representam uma parcela menor, que anteriormente, do total de exportações. Por fim, o professor lembrou que, ao contrário do que muitas vezes circula na imprensa, o Brasil lucra com o Mercosul, tendo superávit com todos os países do bloco. Os custos da integração existem, mas são menores do que normalmente se pensa e podem ser superados, uma vez que o projeto de integração é extremamente vantajoso para o Brasil.

O terceiro palestrante foi o Doutor em História e Ciência Política e Assessor de Política Externa do Parlamento Alemão, senhor Hans Martin Sieg, que em sua palestra buscou apresentar as experiências europeias e demonstrar como estas poderiam contribuir para o debate acerca da integração regional na América do Sul. Segundo o senhor Sieg, a União Europeia teve como ponto de partida um imperativo fundamental, a busca pela paz. Nesse sentido, havia um impulso favorável à integração que superava em muito os incentivos políticos para a integração no contexto latino-americano. Os formuladores de política na região precisam enfrentar o desafio de desenvolver uma percepção comum em torno da necessidade de projetos de integração e superar os movimentos dissonantes de alguns países que procuram garantir seus interesses a partir de movimentos uni/bilaterais. Por fim, o senhor Sieg lembrou que este é um processo que, como havia mencionado o embaixador Botafogo, precisa de realistas que desenvolvam estratégias claras, mas também de idealistas que mantenham acesa a utopia de um futuro comum.

No dia 20 de agosto foi realizado o workshop para jornalistas, sediado no Salão Panorâmico do Hotel Jangadeiro. Este transcorreu com uma metodologia que visava a promover o debate entre os especialistas e profissionais da mídia, permitindo a troca de impressões sobre os projetos de integração regional e, principalmente, sobre a UNASUL. Na primeira mesa, tratando do desenvolvimento institucional da UNASUL, estiveram presentes o embaixador e membro do Centro Argentino de Relações Internacionais (CARI), senhor Fernando Petrella, e o embaixador da Guiana no Brasil, senhor Harry Narine Nawbatt. O embaixador argentino buscou traçar um perfil histórico da integração na região, demonstrando como os destinos políticos, econômicos e sociais dos países da América do Sul estiveram sempre ligados a projetos comuns de ação. Especificamente para a Argentina, a UNASUL representa uma forma de superar as barreiras geográficas - a distância em relação a alguns centros econômicos, como Europa e EUA -, e não um mero discurso de política externa. Com este projeto, o país espera obter mais recursos para melhoria de sua infra-estrutura e acordos que garantirão mais segurança, maior fornecimento de energia e de alimentos. No entanto, o embaixador apresenta alguns riscos deste projeto, sendo o maior deles, a exclusão dos vizinhos da América Central e do Norte. De acordo com Petrella, não devemos utilizar a UNASUL como um mero fórum de críticas aos países mais ricos, como um grupo que se une para rebater a influência estadunidense ou europeia. É preciso se manter no *main-stream* da política mundial, mas buscar alternativas em conjunto para superar os problemas comuns à região.

O embaixador Harry Nawbatt afirmou que é com orgulho que Guiana assumirá a presidência pro tempore da UNASUL no final de 2010. Apesar das dificuldades enfrentadas, como as diferenças lingüísticas (particularmente importantes para o Brasil e para Guiana) e as barreiras geográficas, esta organização tem avançado. O foco do embaixador foi na integração cultural que, segundo ele, deveria ser uma das faces importantes do projeto político. Estas iniciativas são conhecidas atualmente pelo corpo burocrático dos governos e pela elite dos países que as integram, sendo totalmente ignorados pelo restante da população. Sem o conhecimento mais geral acerca da UNASUL, esta nunca poderá se tornar uma organização democrática e voltada para interesses verdadeiramente plurais. Assim sendo, o embaixador advoga por uma campanha maciça para a divulgação dos principais projetos de integração em meio à população.

A segunda mesa do dia contou com a presença do embaixador brasileiro e Assessor Especial para Assuntos Internacionais do Ministério de Minas e Energia, Rubem Antônio Corrêa Barbosa, e do Assessor Jurídico do Conselho Administrativo da Hidrelétrica Binacional Yaciretá (Paraguai-Argentina), senhor Marco Caballero Giret. Os palestrantes debateram o tema da infra-estrutura e energia dentro do escopo da UNASUL e levantaram questões polêmicas acerca desta face menos divulgada, mas igualmente importante, da integração.

O embaixador Rubem Barbosa lembrou que o crescimento econômico brasileiro, para se sustentar, precisa ser acompanhado por uma crescente oferta de energia. Nesse sentido, o governo percebeu que a UNASUL é uma ótima oportunidade para aprofundar os projetos de integração também na área de infra-estrutura, o que levou a um avanço significativo nas discussões sobre este campo. Atualmente, o Brasil tem acordos de intercâmbio de energia com a Argentina, integração física com a maioria dos vizinhos, acordos sobre a transferência de gás com a Bolívia e há estudos para a construção de hidrelétricas no Peru e em Guiana com capital brasileiro e que seriam economicamente vantajosas para os dois países. A internacionalização da Eletrobrás ajuda a aumentar a presença do Brasil na América Central e do Sul e no Caribe, fortalecendo os laços e permitindo o avanço da UNASUL.

O senhor Marco Caballero Giret buscou defender a posição do governo Paraguai em relação às últimas controvérsias acerca da hidrelétrica de Itaipu e da venda de energia da parcela paraguaia para o Brasil, mas sem perder de vista que esta hidrelétrica representa talvez um dos maiores sucessos na coordenação de políticas em torno de um objetivo comum entre dois países da América do Sul. Antes da construção da usina de Itaipu, Brasil e Paraguai não eram vistos como potências energéticas, mas após a hidrelétrica começar a funcionar, o potencial de ambos foi reconhecido. No entanto, a parceria firmada na década de 70, segundo o senhor Giret, não seria adequada ao atual estágio da relação entre os dois países. O Paraguai recebe *royalties* da usina, mas consome um valor maior na importação, por exemplo, de petróleo. Além disso, o país é responsável por 85% de toda a exportação de energia da América do Sul, mas grande parte disso corresponde à parcela que o país é obrigado (de acordo com uma das cláusulas do tratado) a vender ao Brasil. Esta cláusula seria prejudicial ao Paraguai, pois não permitiria que a exportação de energia chegasse aos valores de mercado. Segundo Giret, é economicamente indispensável para o Paraguai que haja uma renegociação dos valores, ou que o país tenha a liberdade de vender energia para terceiros. Caso seja

possível contornar este problema, os debates em torno dos demais desafios enfrentados pela UNASUL caminhariam mais rapidamente. No entanto, caso este problema não seja sanado, é possível, segundo o senhor Giret, que o Paraguai continue perdendo com os acordos e não tenha incentivos para avançar em mais um projeto de integração regional. Concordando com o Embaixador Botafogo, Giret afirma que o Mercosul já apresenta desafios em número suficiente e que seria importante avançar nas relações deste bloco antes de se comprometer com mais uma organização.

A fala do senhor Giret causou um pouco de polêmica entre os participantes, levando o professor Francisco Carlos Teixeira a questioná-lo sobre a legitimidade das demandas paraguaias. Uma vez que o Brasil fez um enorme esforço econômico e político para a construção da usina de Itaipu justamente para que, no futuro, obtivesse vantagens com a compra de energia, não seria correto mudar os acordos e prejudicar economicamente este parceiro. O Paraguai não tem como utilizar o restante da energia e também não tem linhas de transmissão para exportá-la a outros países. Além disso, a infra-estrutura paraguaia referente à distribuição de energia foi toda financiada pelo BNDES, o que seria mais um argumento em defesa da manutenção das relações comerciais preferenciais com o Brasil.

Na última mesa, com o tema “Conflitos Políticos e Segurança Regional”, o professor Thales Cavalcanti Castro afirmou que os avanços já obtidos dentro da UNASUL são importantes, mas que ainda é preciso trabalhar nos mecanismos de resolução de conflitos e na construção de uma zona de paz na região. Um ponto importante de sua palestra foi a crítica ao formato de decisão por consenso do Conselho de Defesa Sul-Americano (CDS). Segundo Thales Castro, a exigência de um consenso é democrática, mas impossibilita a ação do mesmo justamente nos temas mais centrais. O professor também ressaltou a importância de se desenvolver um espírito comunitário na região e uma percepção da UNASUL como mais um mecanismo de integração e não uma resposta a projetos anteriores. Para se falar em construção de confiança e no fortalecimento de um aparato de segurança coletiva é fundamental que a UNASUL e os demais projetos não estejam amparados apenas em retórica política, mas sim por ações efetivas dos governos. Por fim, o professor Thales Castro afirmou que a única forma de se dar credibilidade à UNASUL é avançar em sua institucionalização, sendo, portanto, necessário superar articulações políticas das burocracias estatais e levar o debate sobre a organização para os cidadãos comuns.

Nas considerações finais, os parceiros na organização deste evento, a Fundação Konrad Adenauer e a UNICAP, afirmaram que os objetivos iniciais haviam sido alcançados e reforçaram a importância de fomentar o debate sobre temas internacionais entre jornalistas e a comunidade acadêmica de Recife. Por fim, foram dois dias de evento que contribuíram em muito para que os jornalistas presentes e o público de uma forma geral se familiarizassem com as discussões mais recentes acerca da integração regional e refletissem um pouco sobre os avanços já obtidos e os desafios futuros da inserção internacional do Brasil.